

## *Apresentação*

Nossa expectativa em relação à resposta ao tema Literatura e relações assimétricas de poder repousava no campo das representações das relações de poder mais internas do que externas ao texto literário, considerando a relevância da categoria leitor, neste momento da produção crítica brasileira. Entretanto, boa parte dos mais de quarenta textos recebidos para o número 41 da Revista Letras veio mostrar que o entendimento da assimetria está ainda muito voltado para o entrelaçamento da Literatura com a História, ou mais especificamente com a realidade do que com elementos intratexto como a relação narrador-leitor, que era a que nos interessava. Mas também verificamos que o título não estava bem colocado, pois o que pretendíamos era um pensar sobre texto e leitor e suas relações assimétricas. Óbvio que aí a palavra poder remeteu ao significado que todos os postulantes à publicação entenderam muito bem.

Mas a questão continua a nos interessar e Wolfgang Iser esclarece que a assimetria é algo absolutamente real, contudo as hierarquizações e as desigualdades construídas ao longo do processo histórico não são dados naturais, porém, resultam de forma de manipulação e naturalização que se encontram a serviço daqueles que detem algum tipo de poder, seja o político ou o intelectual. Na tentativa de compreender os

títulos e textos que nos chegaram em resposta à chamada de artigos, verificamos que um bom número de textos tratava de contundentes assimetrias em relação a várias áreas do saber literário, o que nos deu uma ideia da abrangência do tema, de forma que decidimos, por um lado, manter a heterogeneidade das propostas e, por outro, privilegiar as que mais avançavam no tocante às reflexões sobre as relações de poder sim, mas, especialmente aquelas com ênfase no modo como a literatura vem representando essas assimetrias. Desta forma, o objetivo específico que norteia cada trabalho bem como as diferentes abordagens que fundamentam os artigos, longe de constituírem uma linha divisória entre eles, possibilitou o surgimento de um diálogo mais complexo.

Neste sentido, explicitar o escopo no qual esse debate pode ser profícuo para o leitor, tornou-se uma imposição, pois cada trabalho problematiza a sua maneira o modo como o cenário literário interroga e expõe, ficcionalmente, aspectos variados e polêmicos que afetam o tecido/estrutura do nosso universo cultural. Tanto nas sociedades democráticas, como naquelas investidas de natureza totalitária, o jogo do poder incentiva o acirramento de tensões e o choque entre os diferentes segmentos sociais que compõem essas sociedades. Alguns textos enveredaram pela preocupação com questões sobre a literatura e o seu papel nas sociedades pós-modernas, de modo que afastamento e aproximação tornaram-se motivos e a tônica dos leitores, dos críticos e dos diversos tipos de mediadores de leitura dos professores de todos os níveis de ensino aos animadores culturais, que esses textos contemplam.

Outros textos trataram, mais especificamente, das provocações e respostas a uma nova dialética no contexto dos estudos literários, levando em conta a assimetria texto-leitor sob variadas abordagens. Outros ainda trataram de assimetrias específicas como as demonstradas nas relações de violência e poder. Há aqueles que responderam à necessidade também premente de construir uma reflexão sobre instrumentos interpretativos por meio dos quais as estruturas de constituição de

sentido podem ser examinadas e/ou decodificadas e, como tal, sugerem modos de interpretação que, no nosso entender, ajudam a preencher o vazio deixado pelas teorias que, por sua natureza, não apontam caminhos para a busca que cada leitor e/ou mediador de leitura deve empreender. Textos que interrogam as representações de gênero e os preconceitos ainda existentes na sociedade, evidenciam como tais relações estruturam a tessitura discursiva, também se fazem presentes.

Frente a esse quadro, entendemos que deveríamos reunir esses textos sob três selos: os voltados para a errância na literatura, os voltados para a violência simbólica e, para a assimetria entre texto e leitor, propriamente dita. Até porque o mundo cada vez menos ideológico e mais aberto caminha para uma consciência do provisório e das respostas não-conclusivas, sem esquecer, contudo, de também estar atento ao jogo de poder – que regula, exclui e promove certas identidades enquanto lança outras ao anonimato. Assim, os textos que compõem esse número iluminam certos impasses/embates que surgem das relações desiguais e conflitantes entre “nós” e “eles”, entre texto e contexto, entre a linguagem do escritor e o significado atribuído pelo leitor, mas não apresentam soluções nem fáceis nem difíceis. Apresentam sim interpretações pessoais, resultado de pesquisas amplas ou específicas, que podem nos dar uma ideia do estado da questão.

*Sonia I. G. Fernandez*

*Vera Lucia Lenz Vianna*

Organizadoras

